

O BATALHA

Aquele ano, o inverno anunciava ser incomum. Nos meses que o antecediam, os meios de comunicações o identificavam como o mais rigoroso entre décadas. A esperada estação do ano nem bem havia chegado, e o outono nos seus últimos dias, já se mostrava com frio mais intenso para a estação vigente. Eram comuns os comentários sobre o rigor das mudanças de clima. Quem tinha bom estoque de roupas apropriadas, tinha garantia de proteção do frio que se pronunciava. Os que tinham recursos financeiros não mostravam preocupação com os comentários. Neste período, custeando três filhos em colégios particulares, não havia forma econômica de formar estoque de roupas apropriadas para enfrentar o frio prognosticado. Sequer havia recursos para ir às compras e formar um roupeiro apropriado, defendia-me com o que dispunha. Na oportunidade, eu exercia a função de Caixa na Agencia Central da CEF. O grupo de caixas era formado por diversos colegas, a amizade flutuava em bom alvitre, uns mais próximos e, entre eles, uma colega muito humana e solícita, sentindo minhas dificuldades, orientou-me indicando onde poderia comprar roupa apropriada e de baixo custo. Como referência, salientou que seu marido comprava suas roupas no lugar indicado. Nas entrelinhas, senti que se tratava de uma forma de me prestar informações sem me fazer humilhado por ter me indicado um lugar onde se vendiam roupas, em alguns casos, com visíveis e indicados “defeitos”. Tratava-se da fábrica das Lojas Renner, lá em Navegantes. Aceitando a indicação, na primeira oportunidade fui às compras no lugar referenciado. Havia muitas opções e todas com valor acima do que podia comprar, eram roupas de grife e de boa qualidade. O recurso financeiro era magro e o pior, só venda a vista. Somente após muita procura é que fui entender que no prédio havia dois lugares distintos de venda. Após muitas pernaçadas, descobri que ficava atrás da loja de referência. Senti-me mais a vontade quando entrei no lugar, lá havia muitas pessoas e todas avaliando, na pretensa roupa, o local onde se encontra a indicação do “defeito”. Não me encontrava tão humildes, estava entre meus pares. Após pesquisas e avaliações, consegui comprar, também, um casaco, por sorte e destino a cor e modelo que imaginava, era um casaco de veludo marrom escuro, três quartos, forro de seda. Foi amor de chegada, não encontrei defeito sequer, tudo fechava, parecia que fora feito a pedido, inclusive o valor de custo. Não alimentava mais medo do frio intenso que afligia. Após a aquisição, o primeiro ímpeto era o de agradecer a colega pela ótima indicação, o que fiz na primeira oportunidade, neste ato, já estando vestido com o objeto da compra. O casaco passou a ser meu abrigo naqueles dias frios e nos anos que se seguiram. Gostava tanto do casaco que o usava mesmo nos dias que não fazia tão frio. Era confortável, e, sob minha visão, me tornava elegante. Sendo ou não, era o que se apresentava, então tinha que vesti-lo, era pau “pra” toda obra. Usava-o tanto, que meus colegas o apelidaram de “BATALHA”. Os anos se seguiram até que o forro do “Batalha” puiu, a forma e a fazenda do casaco, pouco ou quase nada se alterou no decorrer dos anos. Tomei a decisão de solicitar a troca do forro, colocando um tecido de lã, isto me permitiu usá-lo somente no inverno, nos dias de frio mais rigoroso. Durante anos foi minha vestimenta nos dias de temperaturas baixas. Tinha por esta vestimenta um zelo desigual. Vez por outra ia até um sítio em Belém Velho, e lá, o arrendatário sempre que me via com o “Batalha”, se ofereci como herdeiro direto, dizia gostar muito do casaco e que nele ficava melhor do que em mim. Numa destas visitas oportuna que fazia ao Sítio e como o clima esquentou, estando o casaco no banco do veículo que me conduzia, aproveitei a oportunidade e dei o presente tão esperado. Com largo sorriso de satisfação, vestiu o “Batalha”. A

desenvoltura da barriga quase não permitia abotoar a casa mais relevante, mesmo assim, sorria de satisfação, mostrava a mulher e os filhos, desfilava, salientava-se em contentamento. Outras vezes retornei ao local e o via quase sempre vestindo o casaco marrom, até que um dia não o vi mais usando o presente. Com a chegada do novo inverno, por curiosidade, fui ver se o encontrava vestindo o “Batalha”, não estava, cobria-se com um velho capote. Perguntei pelo casaco e ele, de pronto, levou-me até o estábulo e me mostrou onde se encontrava: lá estava o “Batalha” estendido com as mangas abraçando, protegendo o dorso de uma égua em cria.